Dom Antônio de Almeida Lustosa

Arruda Furtado

O INSTITUTO DO CEARÁ promove esta comemoração do 1.º centenário de Dom Antônio de Almeida Lustosa, tendo em vista os altos merecimentos do saudoso antístite, e porque ele foi, em vida, um dos seus mais insígnes associados.

A respeito de sua atividade pastoral, já falou, encantando o auditório, o nosso consócio Comendador Luís Sucupira, que é, sem favor, o mais sábio e o mais virtuoso dos membros do laicato cearense.

A nós, que ocupamos, modestissimamente, no Instituto, a cadeira que foi ilustrada e honrada pelo culto Arcebispo, cabe-nos apreciar sua obra literária, tarefa que se nos depara difícil, por dois motivos: a limitação do tempo de um breve discurso, e as deficiências do expositor.

O Bispo há de ser o legislador prudente, o juíz equânime, o pastor devotado. E Dom Antônio foi completo nesses aspectos, notabilizando-se, sobretudo, como pregador do Evangelho.

Louve-se no exercício do múnus episcopal a organização e a ordem que imprimiu ao governo diocesano; destaque-se a indormida defesa da Fé e dos bons costumes; considere-se a disciplina do clero, a ele estreitamente ligado por amorosa e filial submissão; admire-se a respeitosa veneração que soube despertar em nosso povo; relembre-se o caridoso acolhimento aos pobres e desvalidos. Tudo isto marca, sem dúvida, seu episcopado. Mas a nota mais significativa foi o trabalho de semeador da Palavra.

Sabia Dom Antônio que pregar era um dever inafastável, consoante o mandamento do Mestre: "Ide pelo mundo inteiro a anunciar a Boa Nova".

Sabia que São Paulo exortara a Timóteo, conjurando-o, diante de Deus e de Jesus Cristo, a pregar a doutrina, com insistência, oportuna ou inoportunamente.

Réssoava, no seu espírito, o que ouvira nos idos de 25, quando se lhe conferiu, com a sagração, e plenitude do sacerdócio.

Procuremos recompor a cena. Na igreja de São João del-Rei, Dom Antônio já ungido, já tendo recebido o báculo e o anel, esta ajoelhado aos pés do Bispo sagrante, que lhe diz, em altíssona voz:

— Accipe Evangelium, et vade, praedica populo tibi comisso.

Recebe o Evangelho e vai, prega ao povo que te foi confiado.

Essa voz encheu a nave silenciosa, ecoou nos montes e vales de sua terra natal, e ressonou, mais intensamente, no coração do jovem Pastor, pois, se ele, antes, já pregava muito, depois de Bispo fê-lo muito mais.

Dom Antônio pregou com sua própria vida, pois, o seu itinerário terreno foi, pelo exemplo, pregação muito viva da lição evangélica.

Pregou com a sua mesma palavra, nos sermões quaresmais, nas assíduas visitas pastorais, em solenidades, na sua catedral ou nos templos mais modestos, pregou em todas as ocasiões que lhe pareceram propícias, e o foram quase todas.

Pregou através de intenso labor literário, com publicações disseminadas diariamente em jornais e com quase vinte livros, vários deles reeditados.

O acervo literário se pode classificar deste modo:

— obras de naureza sociológico-históricas, entre as quais se incluem *Dom Macedo Costa — Bispo do Pará, Terra Martirizada, A Visita da Imagem Peregrina, Centenário da Arquidiocese de Fortaleza,* biografias dos padres Machado e José Venâncio;

— livros histórico-folclóricos: *À Margem da Visita Pastoral* e *Notas a Lápis;*

— Cartas Pastorais, que expediu várias, nas Dioceses de que foi Bispo;

— obras de cunho nitidamente religioso, no rol das quais se encontram: *Solilóquios Infantis ao Pé do Tabernáculo, Meu Livro Inseparável, Abraçando a Cruz, Ut Videam, Respigando, A Prece ao Pôr do Sol, Nas Entrelinhas do Evangelho, Breves Leituras para Cada Dia do Ano;*

— Contos: *Filosofia do Zé Peregrino;*
— Poesia, de que é exemplo *Lâmpada Votiva.*

Quase todos o seus livros são constituídos de capítulos curtos, de rápida leitura. Parece que assim procedia, tendo em vista o pouco apreço do brasileiro pela leitura, principalmente de obras massudas. E ele escrevia para o povo, no interesse maior de instruir e evangelizar.

Sua prosa, porém, é escorreita. Trata dos temas de modo completo e agradável, com a singeleza de um regato a fluir, sem saltos ou corredeiras, todo remansoso na planície.

Ao ser recebido no *Instituto do Ceará*, em 44, disse:

"No pastoreio das almas, devemos, com freqüência, ocupar-nos dos pequeninos e dos humildes. Nas visitas pastorais, pelo interior, quase sempre estamos em contacto com as crianças e com os rudes. E, nesse meio, forçoso é que nos adaptemos à linguagem simples — a única que é compreendida na zona rural".

"Nosso esforço, então, é evitar qualquer expressão fora do alcance daquelas inteligências incultas".

"No desempenho da nossa missão pastoral, temos de viver com o povo humilde e entender-nos com ele, sem preocupação literária".

Justificava, assim, a natureza do seu estilo, sua linguagem simples, sem rebuscamentos, sem requintes, embora correta e amena.

Isso era mera desculpa, para tentar encobrir o seu mérito. A linguagem de Dom Antônio apenas refletia o seu interior, a humildade de seu espírito. Aqui, cabe dizer: o estilo é o homem.

Apreciador do linguajar "sui generis" do sertanejo, é possível que esse fraseado, pela sua objetividade, tenha exercido alguma influência, mas influência muito limitada, porque a beleza e concisão do estilo de Dom Antônio decorrem do conhecimento dos clássicos greco-latinos e portugueses, e, igualmente, do seu modo de ser.

Discorrendo sobre o linguajar do campo, diz:

"Em conjunturas difíceis, nosso caboclo humilde traduz seu pensamento de maneira impressionante".

"Quantas vezes o homem douto trabalha para encontrar uma fórmula, uma expressão exata e sintética, e apesar dos tratos que dá à mente, não é feliz, não se faz entender".

"O caboclo — continua Dom Antônio — que não teme os galicismos, que não está preocupado com a colocação dos pro-

nomes, lança mão do que tem na memória / para vestir suas idéias".

"Se a linguagem é ou não da moda pouco importa, se é ou não elegante, se é ou não arcaica, se é ou não exótica, pouco se lhe dá; quer expressar seu pensamento. E esse é o fim da linguagem".

A seguir, demonstra com fato concreto sua assertiva:

"Perguntei a um caboclo qual era a cor desta faixa episcopal. Como se sabe, na linguagem das modistas tem grande importância o nome das cores".

"Esta cor realmente é característica. Os franceses a denominam *violet dévéque;* os italianos a chamam *pavonazzo,* porque, realmente, há uns tons violáceos nas penas do pavão".

"Aqui no Brasil, dão a esta cor o nome de sulferino, que me parece impróprio, porque, se vem de sulfur, devia ser sulfurino e não sulferino; e impróprio também porque o enxofre, quando arde, tem a chama azulada e não violácea".

"Outros a chamam *salmon,* nome também impróprio porque a cor não corresponde bem e a palavra não é nossa".

"Modernamente, o nome é *cyclamen, denominação* que, na França, têm as flores primuláceas. Ainda é impróprio o nome e tampouco é português".

"Recorri a um caboclo. "Diga-me, você — de que cor é esta faixa?" e ele me respondeu sem demora:
"Isso é cor de maravilha".

"Não podia ser mais exata a resposta. A maravilha flor tem exatamente esta cor".

LIVRO PRECIOSO

Dom Antônio nutria justificada admiração pelo prelado, seu homônimo, Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará.

Realmente, a figura daquele Pastor se compara à dos grandes Bispos da História, como Atanásia ou Hilário de Poitiers.

Qual Atanásia, enfrentou não a onda avassaladora do arianismo, mas as coortes arregimentadas da maçonaria internacional. À semelhança do Bispo de Alexandria, manteve confronto enérgico mas sereno com os poderosos de seu tempo, principalmente o Visconde de Rio Branco, Grão-Chefe da Maçonaria no Brasil. Foi exilado de sua Diocese e lançado à masmorra da Ilha das Cobras, em virtude de um julgamento iníquo, que abalou a Nação e o Trono, em processo promovido pela

sanha de seus adversários e ao qual não se opôs a pusilanimidade do Imperador.

Transferido de Uberaba para o sólio arquiepiscopal de Belém, ocupado por Dom Macedo Costa, de 1861 a 1890, Dom Lustosa sentiu-se na obrigação de escrever-lhe a biografia, o que não se fizera até então.

Publicou seu livro. É de suas obras a mais alentada. Um compacto de quase seiscentas páginas, riquíssimo de documentação autêntica, de dados irrefutáveis, de narrações históricas verdadeiras e interpretação científica dos fatos.

Quem o perlustrar, conhecerá a história do Bispado, acompanhará confrontos políticos naquela Província, tomará conhecimento da chamada Questão Religiosa e do desenrolar do triste episódio. Verá as intrigas diplomáticas do Barão de Penedo, o tratamento do caso pelo Conselho de Estado, os debates no Senado do Império e na Câmara dos Deputados, o julgamento, a anistia imposta pelo Duque de Caxias.

Admirará a têmpora de aço de Dom Macedo Costa, êmulo de Dom Vital, Bispo de Olinda e Recife, também condenado. Apreciará os seus pronunciamentos, o protesto na hora da prisão, suas cartas, o admirável documento jurídico que foi a exceção de incompetência que opôs ao Supremo Tribunal do Império, a valentia e cultura de seus advogados dativos, principalmente do Conselheiro Zacarias, a denúncia formal, feita pelo denodado católico cearense, deputado Leandro Bezerra Monteiro, contra o Visconde de Rio Branco, o Conselheiro João Alfredo e o Visconde de Caravelas, "pelo crime de maquinar, destruir a religião do Estado, adotada pelo pacto fundamental e pelo crime de suborno".

É pena que se ache esgotado esse livro de tão preciosos subsídios para a história da Igreja e da Nação. Com ele, Dom Antônio nimbou de glória a fronte de seu remoto antecessor.

"TERRA MARTIRIZADA"

Eis um livro no qual o autor revela profundo conhecimento do Ceará, adquirido pelo estudo e pela sua imensa capacidade de observação, exercitada nas freqüentes viagens.

Escreveu-o no propósito de chamar a atenção do governo e dos brasileiros de outras regiões, sensibilizando-os quanto ao problema das secas.

Não são longos os capítulos, tratando entre outros aspectos, da cronologia das secas, das possíveis causas do flagelo,

dos profetas da calamidade, da gleba cearense, do fenômeno climático, da emigração forçada, dos sofrimentos do povo, do problema da açudagem.

Aos que não crêem na viabilidade econômica do Ceará, diz Dom Antônio:

"Surgiram os projetos sinistros de despovoar este pedaço do Brasil. Quem não conhece de perto o Ceará facilmente se inclinará a crer na impossibilidade de vida nesta região batida, a espaços bem curtos, pela seca."

"Mas quanto engano!

"Seria necessário ver o alvoroço da vida vegetativa/quando as primeiras chuvas se embebem no solo cearense. Que punjança! Seria preciso ver o oásis que surge, ao redor de cada açude, em violento contraste com as terras circunvizinhas!"

Quem lê *Terra Martirizada*, se não souber a origem do autor, pensará que foi escrito por nordestino, acostumado às secas e conhecedor desse problema que a incompetência e a má vontade dos governos não resolve, apesar dos apelos que há quase quatro séculos se fazem.

"NOTAS A LÁPIS"

Ao empossar-nos na cadeira de Dom Antônio, no Instituto, dissemos nós:

"Durante vinte anos, Dom Antônio palmilhou o território todo da Arquidiocese, do litoral às serras e sertões".

"Quando terminava a catequese e as confissões, já noite alta, recolhia-se, não para o repouso, mas para fazer as anotações de quanto lhe chamara a atenção de observador perspicaz. E disso resultou o livro a que deu o despretensioso título de *Notas a Lápis*, e que constitui interessantíssima contribuição para o estudo de nossa terra e de nossa gente, escrito com a sua excepcional simplicidade de estilo".

"À MARGEM DA VISITA PASTORAL"

O tempo não permite comentário, mesmo ligeiro, sobre cada um dos livros de D. Antônio. Só de alguns fazemos breve alusão e, dentre estes, não poderiam faltar os quatro volumes de *À Margem da Visita Pastoral*. Livro, como diz Andrade Furtado, no qual "os estudos sociológicos, as apostilas ao folclore

e à corografia, os comentários de fina penetração nos domínios da Botânica formam páginas de sabor delicioso."

A obra é igualmente fruto de suas anotações em difíceis viagens pelos rios da Amazônia, realizadas até ínvias paragens da terra inóspita / e doentia, com o sacrifício de sua própria saúde, pois, a tanto o levava o zelo pastoral.

AS CARTAS PASTORAIS

Desvelo pelo rebanho Dom Antônio manifestou em primorosas Cartas Pastorais. Era o doutor, era o pastor a instruir e a orientar os diocesanos, prevenindo-os sempre contra o mal.

Se a família cearense era ameaçada em sua estrutura cristã, por semeadura deletéria que hoje frutifica na desagregação que tristemente presenciamos, apressava-se em escrever carta pastoral sobre a perfeita constituição dos lares e educação dos filhos.

Se o hábito do chamado jogo de azar tentava se alastrar, como hoje vemos, não só sob as antigas formas mas também sob numerosas modalidades de loterias, drenando para fora os parcos recursos do povo, Dom Antônio dava o brado de alerta contra o vício impiedoso, mostrando, com a sua didática convincente, os malefícios do jogo.

Se escasseava o clero, escrevia sobre a dignidade do estado sacerdotal, a incutir nas famílias o gosto de preparar filhos para o serviço de Deus e dos homens.

Se havia necessidade de instruir os fiéis quanto ao Sacramento da Penitência, discorria sobre a contrição perfeita, revelando-se, em páginas lapidares, o teólogo consumado que todos respeitava.

Se a situação dos operários requeria a sua palavra, serviase de outras, instrução pastoral para definir direitos e deveres de patrões e empregados, estimulando todos a um relacionamento justo, sem apelos à luta de classes/nem instigações à violência.

Se o alcoolismo pretendia dominar nas cidades e no campo, como vemos hoje, quando o Brasil é dos maiores consumidores de bebidas — do que resultam, entre outros males, os homicídios passionais e os homicídios do trânsito — logo previnia seu rebanho contra as terríveis conseqüências do vício.

Admirável Pastor, que acautelava as ovelhas antes mesmo da investida do lobo!

A ele jamais se poderia aplicar a advertência do Senhor, pela boca de Jeremias: "Ai dos pastores que perdem e que despedaçam a grei da minha pastagem".

De tal modo se comportou no seu ministério o grande filho de Dom Bosco, e glória da Congregação Salesiana, que o próprio Papa João Paulo II, no discurso aos Bispos do Brasil, reconheceu os excepcionais méritos do homenageado, ao dizer:

"Como não evocar aqui em Fortaleza a figura admirável de Dom Antônio de Almeida Lustosa, que repousa na Catedral, e que deixou nesta Diocese a imagem luminosa de um sábio e de um santo?"

OS LIVROS RELIGIOSOS

Esses, já nomeados, são o que há de melhor na literatura ascética do Brasil. São obras de alta inspiração, para conduzir o leitor à mais sadia espiritualidade.

Dom Antônio, como os grandes mestres da vida espiritual, usando de raro senso de psicólogo, sabe penetrar nos íntimos refolhos da alma para dispô-la a receber as inspirações do Espírito.

Em Abraçando a Cruz, coloca o problema da dor, especialmente da dor inevitável, sob o foco de uma conformidade positiva. Diz no prefácio:

"A solução do problema da dor não está no afastamento dela mas no saber sofrê-la. Afastar a dor do nosso caminho nem sempre é possível; aceitá-la em plena conformidade com a divina vontade é bem possível".

Adiante, acrescenta:

"Todos querem achar a solução desse problema, fugindo ao sofrimento. Mas é tão fertil o terreno da nossa humanidade / que brota sempre essa planta, que a mão do homem não cessa de arrancar. O renascer perene dessa angústia surpreende o homem com aspectos novos, iludindo-lhe constantemente a vigilância. Deve ser solucionado de outro modo esse problema. É indispensável lançar mãos de meios sobrenaturais; os naturais foram tentados em vão, sob todas as formas".

Não cabe, para evitar a prolixidade, repetir algumas reflexões e preces de alta sabedoria, condensadas nos seus livros de ascese. Mas não nos escusamos de reproduzir este tópico dos *Solilóquios:*

"Não são elos materiais os que Vos cativem... As cadeias de um amor imenso é o que vos vincula à terra. Ó algemas que um Deus não sabe romper! Acorrentado à terra por amor

dos homens, Vós sois o libertador do coração humano. Dai-me, Senhor, a alforria santa! Meu pobre coração, fazei-o liberto! Vosso imenso amor por nós vos tornou cativo; nosso mesquinho amor por Vós nos torna livres".

"LÂMPADA VOTIVA"

Para terminar este modesto escorço, resta-nos falar sobre a poesia de Dom Antônio.

A poesia religiosa foi a primeira literatura que se fez no Brasil, com os poemas de Anchieta.

Depois vieram Gonçalves de Magalhães, e tantos outros, até os poetas bem nossos, o padre Antônio Tomaz e Aires de Montalbo.

Dom Antônio deve ter publicado muitos versos não enfeixados em livros. Mas os que compôs no fim da vida, no seu "retiro de anacoreta voluntário", como diz João Jacques, estes se encontram em *Lâmpada Votiva,* antes publicados em *A Fortaleza,* pelo saudoso e querido Padre Arimatéia Diniz, tão seu amigo.

Eis algumas jóias desse escrínio:

"Eu quisera, Virgem Pia,
Em altas vozes louvar-te:
Que tua glória, Maria,
Se estenda por toda parte".

"Quanta graça e louçania,
Na corola desta flor!
Porém, mais bela é Maria,
Doce Mãe de meu Senhor".

"É belo o céu estrelado,
Belo o serro alcantilado,
Bela a gazela bravia
E belo o raio de luz,
Bela a florinha do campo
Belo o sol no céu escampo;
Porém, mais bela é Maria,
A doce Mãe de Jesus".

São tão enternecedoras, belas e espontâneas estas estrofes do poeta-ancião, que nos dispensamos de qualquer comentário. Os versos falam por si.

A republicação de *Lâmpada Votiva*, exmas. sras. e meus senhores, foi muito conveniente agora, quando a serpe infernal alça o colo peçonhento contra a Virgem Poderosa, inspirando um filme que tem chocado a consciência da humanidade, menos a dos insensatos ou degenerados.

Essa reedição é um desagravo ao Coração Maternal e Imaculado de Maria.

Desagravo, diante do insulto soez desse infeliz cineasta que produziu a película blasfema.

Reparação, em face da espantosa cumplicidade de sacerdote diocesano, que se opõe à censura do filme, sob o especioso pretexto de que isso é coação, embora devesse saber que Vossa Eminência, Senhor Arcebispo, já desaprovara a exibição da fita.

Desagravo, diante da satânica maldade de um frade de Curitiba, também em prol do filme, Frei Botas, que se perde pelo próprio nome, pois bota significa também *mentira, boato falso, coisa mal feita*, e *botada* quer dizer *agressão.*

Pois, esse rival de Lutero, na heresia e na agressividade, escreveu isto na revista *Veja* (22.01.86).

"Estamos ameaçados de não assistir ao filme *Je vous salue Marie* porque nossos bispos consideram sacrílega a aparição, na tela, de uma Virgem Maria atual, jovem, bonita — e nua".

Diante disso, há necessidade do nosso desagravo pessoal e coletivo; sim, coletivo. É preciso que o povo, sob a direção do Pastor, manifeste também o seu repúdio, em reparação coletiva à Puríssima Senhora.

Eis por que, Eminentíssimo e Reverendíssimo Dom Aloísio, aproveitando a oportunidade, e interpretando, certamente, o sentimento de todos os cearenses, pedimos a Vossa Eminência que se faça um desagravo público, em concentração gigante, no Ginásio Paulo Sarasate, talvez, e precedida de ampla propaganda.

Acreditamos que Vossa Eminência já pensou no assunto; que já o tenha até programado. Nesse caso, este pedido apenas significa a nossa adesão antecipada.

"Estamos ameaçados de não assistir ao filme *Je vous salue Marie.*

Essa reparação, exmas. sras. e meus senhores, representa mesmo tocante homenagem à devoção mariana de Dom Antônio, que gostaria de ver desagravado o Coração de Maria, nossa Rainha, Advogada e Mãe e musa celestial inspiradora de seus versos.